

Livro retrata a saga de quem construiu a nova capital

DA REDAÇÃO

A construção da nova capital federal levou milhares de trabalhadores a tentar uma nova vida na busca da conquista do interior brasileiro. Enfrentaram a precariedade ou mesmo a ausência completa de condições básicas como alimentação e habitação.

A experiência cotidiana desses anônimos que construíram a cidade a tempo de ser inaugurada em 21 de abril de 1960 é retratada no livro *O Capital da Esperança*, de Gustavo Lins Ribeiro, professor do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. A publicação, da Editora UnB, será lançada na terça-feira, no restaurante Carpe Diem (104 Sul).

O *Capital da Esperança* retrata um cruzamento entre antropologia e história, visto pela ótica das camadas populares como atores principais da narrativa. Para traçar o relato, Ribeiro buscou histórias e depoimentos de pioneiros no Núcleo Bandeirante, em Candango-Lândia e na Vila Planalto.

— Isso aconteceu 30 anos atrás. Naquela época, era mais fácil de encontrá-los — conta.

A pesquisa também incluiu reportagens de jornais da época da construção, entre eles, *A Tribuna*, periódico que circulava no Núcleo

Pelo censo feito em 1959, havia na área do atual DF só 17 mulheres para cada 100 trabalhadores

Bandeirante, mapas e fotografias do Arquivo Público do DF.

O livro tem sua origem em dissertação de mestrado, defendida em 1980. Além da força e do excesso de trabalho dos operários, o livro relata como era organizado o modo de vida desses trabalhadores.

— Eles moravam em acampamentos. Mas o esquema que o governo formou logo deixou de suportar a demanda. Isso gerou uma série de conflitos. A partir daí, essas questões de moradia foram cha-

madas de invasão, antes mesmo da inauguração da cidade — conta.

Para os migrantes, lazer e alimentação eram precários. Ribeiro lembra que os operários comiam em cantinas de acampamentos, que também serviam de bar.

— Quando eles recebiam o ordenado não tinham para onde ir e ficavam nesses bares. Isso também gerava uma série de conflitos, de brigas. A polícia intervinha e era muito violenta na época — afirma.

A desproporção no número de homens e mulheres é uma situação gerada em qualquer grande obra civil. De acordo com censo feito pelo IBGE em 1959, havia 100 homens para cada grupo de 100 mulheres.

— A Cidade Livre, que era uma área de comércio, se tornava zona de prostituição. Há relatos de mulheres que não podiam sair nas ruas, senão eram atacadas — conta.